

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA (UNESP)
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM REDE NACIONAL EM EDUCAÇÃO FÍSICA (PROEF)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (UFES)



CADERNO
PEDAGÓGICO

**PROMOVENDO A PARTICIPAÇÃO
ESPORTIVA DE JOVENS MENINAS
NO ENSINO MÉDIO**

**IRIS BATISTA DA LUZ ROSA
MARIANA ZUANETI MARTINS**

UNESP / PROEF / UFES

IRIS BATISTA DA LUZ ROSA

CADERNO PEDAGÓGICO

**PROMOVENDO A PARTICIPAÇÃO ESPORTIVA DE JOVENS MENINAS NO
ENSINO MÉDIO**

Caderno pedagógico da dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF da Universidade Federal do Espírito Santo – UFES, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Educação Física – Área de Concentração Educação Física Escolar.

Orientadora: Dr^a Mariana Zuanetti Martins

**VITÓRIA – ES
2020**

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Setorial de Educação Física e Desportos da Universidade
Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

R788c Rosa, Iris Batista da Luz, 1981-
Caderno pedagógico [recurso eletrônico] : promovendo a
participação esportiva de jovens meninas no ensino médio / Iris
Batista da Luz Rosa, Mariana Zuaneti Martins. - Dados
eletrônicos. – 2020.
55 f. : il.

Produto Técnico (Mestrado Profissional em Educação Física
em Rede Nacional-PROEF) – Universidade Federal do Espírito
Santo, Centro de Educação Física e Desportos ; [coordenação]
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Modo de acesso: <<http://www.educacaofisica.ufes.br/pt-br/produto-tecnico-educacional>>

1. Educação física (Ensino médio). 2. Adolescentes
(Meninas). 3. Esportes coletivos. 4. Identidade de gênero. I.
Martins, Mariana Zuaneti. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III. Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. IV. Título.

CDU: 796

PRODUTO FINAL DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

“Estratégias didático-metodológicas para a adesão das jovens meninas aos esportes coletivos no Ensino Médio”

REALIZAÇÃO

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – NEAD/UNESP
Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional – ProEF
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

MESTRANDA

Iris Batista da Luz Rosa

ORIENTADORA

Mariana Zuaneti Martins – Doutora
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

BANCA EXAMINADORA

Erineusa Maria da Silva – Doutora
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Ileana Wenez – Doutora
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

IMAGENS

Fotos do arquivo pessoal da mestranda.

APRESENTAÇÃO

Este caderno pedagógico foi desenvolvido no intuito de dialogar com professores(as) de Educação Física que atuam no Ensino Médio. Podemos notar certo descrédito em relação à escola e com a própria Educação Física nesse nível de ensino, uma vez que, após anos de escolarização obrigatória, esses(as) estudantes ainda veem a Educação Física como uma repetição das mesmas aulas, dos mesmos conteúdos e das mesmas temáticas (BETTI; ZULLIANI, 2002). Também nos deparamos com uma maior incidência de adjetivos que caracterizam as mulheres como fracas e inaptas, como mencionado por Altmann (1998), o que torna a participação, sobretudo das meninas, em atividades competitivas um desafio bastante particular.

Buscando contribuir para pensarmos juntos(as) em estratégias para enfrentar esses desafios, elaboramos este material, apresentado como um caderno pedagógico de estratégias didático-metodológicas utilizadas para trazer as jovens meninas do Ensino Médio para as aulas esportivas. A intenção não é de que ele seja considerado uma receita, um manual ou uma forma certa de responder aos desafios da participação, mas uma forma de compartilhar os conhecimentos reunidos durante os anos de pesquisa de mestrado e os anos de prática docente comprometidos com esse fim.

Este material é fruto de uma produção coletiva. E não apenas das autoras que assumem a responsabilidade por seu conteúdo, pois há contribuições dos(as) docentes que compartilharam suas práticas nas entrevistas da pesquisa que deu origem a este caderno pedagógico e também algumas referências divulgadas em outros meios, sendo as propostas ocasionalmente adaptadas. Isso revela um aspecto crucial para nós, que é a construção e o diálogo coletivo e permanente, objetivando a democratização e a promoção da equidade no esporte.

Importante que alguns esclarecimentos sejam feitos para a leitura prévia deste material. Em primeiro lugar, quando falamos da adesão das jovens meninas às aulas esportivas, não queremos homogeneizá-las como um grupo passivo. Existem jovens meninas que são bastante protagonistas nas nossas aulas, assim como existem jovens meninos que são excluídos. É importante perceber essas diferenças e não tratar as jovens meninas como inferiores ou vitimizá-las diante das mínimas oportunidades culturais que em geral, mas nem sempre, elas têm. Por um lado, perceber que há discentes que se excluem ou que são excluídos das aulas de esportes significa pensar que essas estratégias são elaboradas para todos(as) os(as) nossos(as) estudantes, independentemente do gênero. Em segundo lugar, essas estratégias são avaliadas como coeducativas, ou seja, para jovens meninos e meninas participarem juntos(as), refletirem e transformarem as relações sociais entre eles(as) na escola, promovendo um contexto de maior equidade.

Por fim, e não menos importante, este caderno pedagógico trata-se do produto final da dissertação de mestrado profissional intitulada “Estratégias didático-metodológicas para a adesão das jovens meninas aos esportes coletivos no Ensino Médio”, desenvolvida pela mestrandia Iris Batista da Luz Rosa, sob a orientação da Prof^{fa}. Dr^a. Mariana Zuaneti Martins, no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação Física em Rede Nacional (ProEF), coordenado pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP), no polo da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

SUMÁRIO

1	POR QUE PRODUZIR UM CADERNO PEDAGÓGICO VOLTADO À INSERÇÃO DAS JOVENS MENINAS?.....	5
1.1	As meninas têm participado ativamente de suas aulas de Educação Física no Ensino Médio?.....	5
1.2	Por que as meninas atuam mais como figurantes e são mais excluídas que os meninos?.....	6
2	POR ONDE COMEÇAR PARA PROMOVER A ADESÃO DAS JOVENS MENINAS ÀS AULAS DE ESPORTE?.....	9
2.1	A coeducação.....	9
2.2	A pedagogia do esporte.....	12
3	SENSIBILIZANDO AS JOVENS MENINAS E OS JOVENS MENINOS SOBRE AS DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES DE PRÁTICAS ESPORTIVAS.....	16
3.1	“Petecas da diversidade”.....	16
3.2	“Jogadores(as) invisíveis”.....	18
3.3	Sugestões de documentários, entrevista e filmes.....	21
4	FOMENTANDO A PARTICIPAÇÃO DE MENINAS COM SUPORTE NOS JOGOS POPULARES ADAPTADOS.....	24
4.1	“Queimada do gênero: menino só queima menino e menina só queima menina”.....	25
4.2	“Pique-bandeira por gênero”.....	27
5	O ESPORTE TRANSFORMADO EM PEQUENOS JOGOS PARA PROMOVER O PROTAGONISMO DAS JOVENS MENINAS.....	29
5.1	“Jogo dos 10 passes adaptado”.....	29
5.2	“Jogo 3x3 adaptado de basquete”.....	32
5.3	“Minivôlei”.....	33
6	RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS ESPORTIVAS.....	35
6.1	“Totó humano adaptado”.....	35
6.2	“Futsal em dupla misto”.....	37
6.3	“‘Toco’ nas desigualdades”.....	38

7 DESESTABILIZANDO AS HIERARQUIAS NAS PRÁTICAS POR MEIO DOS ESPORTES NÃO CONVENCIONAIS.....	40
7.1 “Futebol americano adaptado”.....	40
7.2 “Rugby escolar”.....	44
8 PROJETOS COLETIVOS E INTEGRADORES DA QUESTÃO DE GÊNERO.....	46
8.1 “Revista virtual: questionando as desigualdades de gênero nos esportes”.....	46
8.2 “A arte de gênero na escola”.....	47
9 REFERÊNCIAS.....	49

1 POR QUE PRODUZIR UM CADERNO PEDAGÓGICO VOLTADO À INSERÇÃO DAS JOVENS MENINAS?

1.1 As meninas têm participado ativamente de suas aulas de Educação Física no Ensino Médio?

Segundo Chan-Vianna, Moura e Mourão (2009, p. 159), podemos identificar três padrões de comportamentos predominantes das jovens meninas nas aulas de Educação Física: as “meninas que participam”, aquelas “que tentam participar” e “as que boicotam as aulas”. Percebendo que não basta o(a) estudante estar na quadra para considerar que a sua participação esteja de fato sendo efetiva para a produção de oportunidades de aprendizagem e de prazer com a prática de determinada atividade, Altmann e Jacó (2017) identificaram outras três formas de participação, além da exclusão. A primeira refere-se ao protagonismo, que é quando a pessoa participa ativamente do jogo, em seus momentos decisivos. Em contrapartida, a pessoa pode ser figurante, que é quando ela apenas está em quadra, mas se escondendo de participar de forma decisiva nos rumos da atividade. Há também pessoas que oscilam entre essas duas formas de participação, sendo protagonistas em algumas atividades e figurantes em outras, o que as autoras nomearam de flutuantes.

A tendência à predominância de “meninas figurantes” e “meninos protagonistas” no contexto da Educação Física Escolar demonstra as fragilidades voltadas ao processo de equidade (ALTMANN; JACÓ, 2017). Por isso, tomando como base a análise da postura passiva de algumas jovens meninas nas aulas de Educação Física, é necessário repensar nossas estratégias didático-metodológicas a fim de prover atividades que façam com que as pessoas não atuem como “figurantes” em quadra.

1.2 Por que as meninas atuam mais como figurantes e são mais excluídas que os meninos?

É comum evocarmos a ilustração de que meninos, desde que nascem, normalmente ganham uma bola, enquanto as meninas, bonecas. Essa imagem ilustra a forma pela qual diferentes preferências, disponibilidades e habilidades vão sendo desenvolvidas ao longo da vida de meninos e meninas. Evidentemente, como já adiantamos, haverá meninas que gostarão de futebol e meninos que não. Todavia, é importante destacar que os discursos culturais que nos interpelam desde que nascemos e que se materializam nas bolas que as meninas não ganham ao longo de sua infância repercutirão em suas preferências nas nossas aulas de Educação Física. Não à toa, as meninas vão preferir menos participar das atividades esportivas. O que levará alguns/algumas professores(as) a afirmarem que elas não gostam de esporte, que são menos habilidosas, ou possuem menos coordenação motora ou força. Esses(as) professores(as) fazem tais afirmações baseados em constatações diárias em quadras com suas turmas de Ensino Médio. Todavia, alguns/algumas deles(as) também destacam que há meninas que são tão habilidosas quanto os meninos e que também gostam de futebol. Isso nos faz crer que não há nada na biologia ou na natureza feminina que as tornem não habilidosas ou menos fãs de futebol e de outras modalidades esportivas.

Por isso destacamos que as diferenças que existem entre os jovens meninos e meninas no Ensino Médio são fruto de desigualdades culturais das oportunidades e que ambos têm de se engajar de forma prazerosa em uma atividade esportiva. Isso se dá em razão das relações sociais de gênero.

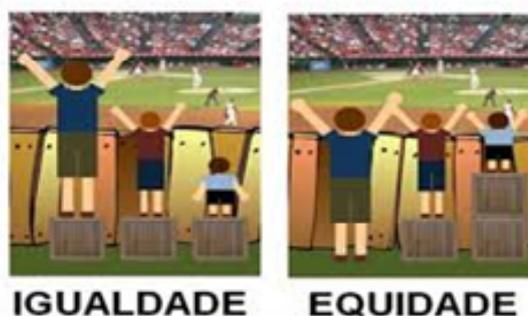
O que é gênero?

Nessa perspectiva, gênero se refere a uma construção social e discursiva acerca da forma como percebemos as diferenças entre homens e mulheres. Socialmente, as diferenças de gênero estão organizadas de forma que tomamos algumas coisas mais possíveis para um gênero que para o outro. Construída ao longo de séculos, essa organização social da diferença classifica e hierarquiza o corpo das pessoas, tomando força, velocidade e potência atributos masculinos, e delicadeza, flexibilidade e cuidado atributos considerados femininos.

Nesses casos, identificamos uma tendência de caracterizar os jovens meninos como “fortes e violentos” e as meninas como “fracas e sem habilidade”. Notamos que há uma predisposição cultural de atribuir as duas características aos meninos como se houvesse uma monopolização masculina de determinadas destrezas físicas. No que diz respeito ao esporte, essa prática corporal foi desenvolvida na modernidade como reservada aos homens, de modo que, em meados do século XX, diversas modalidades foram proibidas para mulheres, como o futebol.

Hoje em dia, mesmo sabendo que as mulheres foram impedidas de praticar esportes por disposições culturais e não pela anatomia de seu corpo, ainda lidamos com os resquícios de todas essas interdições e proibições, de modo que os discursos culturais que as afastam das práticas esportivas ainda são muito poderosos, bem como a representação de que elas são inferiores aos homens. Por isso, inserir as meninas no esporte implica reconhecer essas desigualdades culturais e sociais, suas raízes históricas, e construir uma cultura escolar baseada na equidade, isto é, construir um ambiente socialmente justo, refletido em um exame do conteúdo, dos métodos de ensino, nas condições de aprendizagem em relação às demandas e das potencialidades dos(as) estudantes (BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

EQUIDADE “implica a consciência de que respeitar apenas um conjunto de leis ou de regras pode não ser suficiente para assegurar a justiça, o respeito pelas características únicas de cada sujeito [...] para promover experiências equitativas em Educação Física, requer-se que os professores e as professoras examinem o programa oficial, os conteúdos, as actividades, os métodos de ensino, os equipamentos e as condições, com os quais e nas quais ensinam, para irem ao encontro das necessidades e dos direitos das/os alunas/os. Ou dito de outro modo, os professores e as professoras, enquanto agentes de mudança, devem analisar, sistematicamente e de um ponto de vista moral, o que realizam e qual o impacto das suas acções” (BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 43).



Fonte: Blog da Maria Frô (2012)

Compreendendo, portanto, essas diferenças nas oportunidades e chances disponíveis nas práticas esportivas e comprometidas com a construção de aulas que se pautem pela equidade, a seguir falaremos das diretrizes metodológicas que fundamentam nossas proposições de estratégias didáticas para a inserção das jovens meninas nas aulas de esporte no Ensino Médio.

2 POR ONDE COMEÇAR PARA PROMOVER A ADESÃO DAS JOVENS MENINAS ÀS AULAS DE ESPORTE?

2.1 A coeducação

Nossas propostas basicamente são erguidas com base em dois pilares. O primeiro deles é a ideia de coeducação. Construir uma aula coeducativa é diferente de construir uma aula mista. Coeducação “pode ser entendida como um modo de gerenciar as relações de gênero na escola, de maneira a questionar e reconstruir as ideias sobre o feminino e sobre o masculino” (TEIXEIRA, 2000, p. 24). Enquanto a escola mista considera os(as) estudantes para o planejamento das aulas e, muitas vezes, homogeneiza o conhecimento com base nessa programação, a escola coeducativa considera que meninos e meninas são atravessados por relações desiguais de poder. Portanto, adotar aulas coeducativas é tratar de uma postura didática que reflita ativamente sobre isso e questione essas desigualdades, contribuindo para mudá-las em todo o processo de ensino e aprendizagem (BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

A coeducação pode apresentar duas perspectivas no ambiente escolar, sendo uma voltada à “redução das desigualdades de gênero” relacionadas à socialização e a outra direcionada à “eliminação da hierarquização do masculino sobre o feminino”. (BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 41). Isso significa pensar em um ambiente que, ao refletirem cotidianamente sobre as desigualdades de oportunidades e de relações de poder, os(as) estudantes contribuem uns/umas com os(as) outros(as) para a construção de um espaço mais democrático e compartilhado nas aulas. Significa também que não necessariamente se trata de falar em aulas mistas sempre, uma vez que produzir algumas reflexões e aprendizados podem exigir separar grupos para torná-los mais confiantes e competentes diante de determinada atividade. Todavia, são estratégias e táticas que o(a) professor(a) mobiliza em virtude de seu diagnóstico sobre a turma e de seus objetivos naquela aula ou unidade didática.

Quadro 1 – Diferenças entre aulas mistas e aulas coeducativas

	ESCOLA MISTA	ESCOLA COEDUCATIVA
Valores	O foco é na igualdade de oportunidades, no desenvolvimento de capacidades individuais; A escola é vista como instituição que prepara o(a) estudante para a esfera pública/cidadania.	O foco é perceber na escola as desigualdades que existem entre homens e mulheres, visando eliminar estereótipos e a hierarquia cultural de gênero.
Funcionamento	Considera o(a) "estudante médio" como alvo do processo educativo; O gênero não é medida para seleção e organização dos conteúdos e metodologias.	Considera as necessidades específicas de cada grupo, atenta à diversidade cultural. A ideia não é homogeneizar, mas "suspender" as desigualdades de gênero na escola.
Funções	A escola é vista como instituição neutra; A igualdade é uma medida formal, não necessariamente sendo vislumbrada no cotidiano; Meninos e meninas são homogenizados pela ideia de igualdade formal.	A escola deve reconhecer as desigualdades sociais e culturais; A escola deve ensinar a crítica ao papel de reprodução das desigualdades, até mesmo reconhecendo-se como uma instituição reprodutora.
Conhecimento empírico	Educação dos indivíduos por meio de socialização conjunta; As bases são advindas dos conhecimentos psicológicos e pedagógicos.	A educação se dá na base do reconhecimento das diferentes formas de discriminação e no reconhecimento dos discursos culturais relacionados a cada gênero; As bases são advindas da sociologia.

Fonte: Adaptado de Botelho Gomes, Silva e Queirós (2000, p. 40).
Adaptação: Mariana Zuaneti Martins e Iris Batista da Luz Rosa.

Construir um ambiente coeducativo também implica o(a) professor(a) atentar-se para a não reprodução dessas desigualdades em suas falas e atos. Isso significa:

☐ Tomar cuidado com a linguagem sexista. Um exemplo é falar “jogue como um rapaz”, ou sempre usar tal comparação para explicar as atividades;

☐ O(a) professor(a) se auto-observar para não gerar diferentes expectativas de aprendizado para meninos e meninas, tornando-as “café com leite”. É fundamental desafiá-las e pensar em adaptações que promovam sua competência para inserção no jogo;

☐ Tomar cuidado para não privilegiar apenas conhecimentos e conteúdos que são considerados masculinos. Isso significa trabalhar com modalidades esportivas menos generificadas, trazer exemplos de atletas e de feitos de mulheres;

☐ Tomar cuidado para não dividir materiais, espaço e tempo de forma desigual entre meninos e meninas;

☐ Não privilegiar em demasia a competição em detrimento do prazer em jogar, o que pode fazer com que as pessoas menos experientes sejam desestimuladas e não percebam o prazer naquela atividade, não se motivando a jogar.

(Adaptado de BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000).

2.2 A pedagogia do esporte

Em segundo lugar, nossas estratégias fundamentam-se na pedagogia do esporte. Nessa concepção, o esporte é tematizado pedagogicamente tendo como base os diferentes sujeitos, contextos e os significados que estão envolvidos na prática esportiva. Tematizar pedagogicamente o esporte deve ser uma conduta presente desde as aulas de iniciação até o treino de alto rendimento, na escola ou no clube, e seu desenvolvimento demanda reflexões e uma “prática pedagógica que priorize, além dos métodos, procedimentos nos quais a preocupação central seja voltada para quem faz o gesto, estimulando-o a identificar e resolver problemas, e ainda proporcionando a criação de novos gestos” (PAES, 2006, p. 171).

Para isso, devemos nos atentar a três aspectos no desenvolvimento dos jogos esportivos coletivos, que correspondem a: “a) imprevisibilidade: as ações nunca se repetem; b) criatividade: não fazer somente o óbvio; e c) complexidade: é preciso considerar os diferentes elementos, inerentes ao contexto da pedagogia do esporte” (PAES, 2006, p. 171). Isso implica trabalhar com propostas pedagógicas que partam do jogo e das relações inerentes a eles, como a presença de situações de imprevisibilidade, oposição e tomada de decisão. Quando falamos de partir do jogo, referimo-nos a tratar pedagogicamente o esporte formal, adaptando-o, reduzindo ou ampliando seus constrangimentos e sua complexidade.

A ideia é que as aulas sejam fundamentalmente pautadas no jogo, otimizando seu formato para que o maior número de pessoas possa ter uma participação protagonista. Para isso, nossa proposta é trabalhar com pequenos jogos, que representem situações como 1x1, 2x2, 3x3, bem como situações de superioridade numérica (3x2, 4x2, entre outras). Esses jogos podem acontecer simultaneamente, de modo que, se criarmos seis miniquadras, dividindo uma quadra poliesportiva em seis espaços, e colocarmos um jogo 3x3 em cada um deles, teremos 36 estudantes jogando juntos(as).

A proposta é otimizar a participação de todos(as) na programação principal do plano de aula. E posteriormente, se for do interesse dos(a) estudantes, promover um trabalho paralelo para aqueles(as) que precisam de uma assistência diferenciada em relação a possíveis dificuldades na execução das práticas. Nesse momento, os(as) estudantes que se sentem seguros(as) ou que tenham curiosidade em praticar a forma tradicional da modalidade poderão aprimorar o seu desenvolvimento.

Separando as equipes

Como já adiantamos, não se trata de definir se os jogos serão sempre mistos. Todavia, é importante alternar a forma de composição das equipes, bem como os momentos em que se nivela a participação e os momentos em que se misturam os níveis de experiência de jogo. Para formar as equipes, sugerimos:

□ Evitar constrangimentos desnecessários com o tradicional sistema “par ou ímpar”. Tal recurso consiste na escolha de dois/duas estudantes, normalmente mais habilidosos(as) ou carismáticos(as), que se alternam na seleção de colegas para compor suas equipes. Essa esquematização pode potencializar a desestimulação às práticas esportivas, ao promover a exposição e um estigma para os(as) últimos(as) a serem escolhidos(as).

□ As equipes podem ser construídas segundo os níveis, em alguns momentos. Peça aos(as) estudantes que classifiquem o quanto eles(as) consideram que têm de experiência. De um lado vão os(as) que consideram que praticam mais aquele esporte (em referência a tempo); e de outro vão aqueles(as) que consideram que jogam pouco aquele esporte. Isso contribui para criar níveis de acordo com a forma pela qual cada um/uma se identifica com aquela prática esportiva. É uma ideia que pode ser interessante em alguns momentos, sobretudo em práticas de modalidades muito difundidas.

□ Além disso, as miniequipes podem ser distribuídas segundo alguns jogos. Dois ou um, sendo que aqueles(as) que colocarem 1, fazem parte da Equipe 1, e aqueles que colocarem 2 fazem parte da Equipe 2. À medida que equipes 1 e 2 se formam, o(a) professor(a) pode corrigir o número de pessoas se o jogo criar discrepâncias. Depois, supondo que se formem equipes de 9 estudantes, o(a) professor(a) pede para que os(as) próprios(as) discentes organizem seus trios, para enfrentar os trios da outra equipe. Isso ajuda a desenvolver o pensamento estratégico entre eles(as).

□ Outra forma de divisão de equipes que contribui para uma organização aleatória é fazer a clássica numeração de cada estudante formando equipes dos(as) estudantes numerados(as) como 1, 2, e assim por diante.

□ Por fim, uma última sugestão é distribuir fitas coloridas de tecido TNT para os(as) estudantes, conformando cada cor uma equipe diferente.

Feita a organização e com os(as) estudantes devidamente informados(as) sobre a atividade, o(a) professor(a) poderá iniciar as intervenções. Nesse contexto, o protagonismo deve ser ampliado de modo que a solidariedade prevaleça em quadra. Para promover tal iniciativa, é interessante sugerir que os(as) estudantes mais habilidosos(as) colaborem com os(as) que apresentam determinadas limitações em relação às propostas das aulas em um processo de sincronidade e compartilhamento de experiências.

Assim, inicialmente o(a) professor(a) desenvolve a programação principal na quadra, convidando a todos(as) para participar das atividades, sendo as partidas realizadas em tempo reduzido para que os(as) estudantes possam ter mais oportunidades de retornar ao jogo, preservando a constante expectativa de entrar em quadra a qualquer momento. É interessante coordenar a organização das práticas de modo que mantenha, se possível, os grupos em atividades seguidas, principalmente se desfrutar de outras quadras ou espaços alternativos.

Uma sugestão para otimizar as aulas ainda é contar com estudantes monitores(as). Os(as) estudantes monitores(as) podem auxiliar no direcionamento das atividades no momento em que o(a) professor(a) estiver dando assistência àqueles(as) que apresentam dificuldades. Em uma turma, pode haver vários(as) estudantes monitores(as), cada um/uma atuando dentro de suas potencialidades e interesses.

A possibilidade do monitoramento contribuiu no atendimento dos(as) estudantes que por motivos variados não podem ou que a princípio não se interessam pelas práticas, mas que na oportunidade podem prontificar-se a aprender. Torna-se relevante enfatizar que, quanto mais diferenciadas e variadas forem as atividades, maiores serão as possibilidades de adesão.

Na impossibilidade de participação de estudantes por restrições associadas à saúde, por exemplo, o(a) professor(a) tem a possibilidade de sugerir que o(a) estudante colabore realizando anotações relacionadas à atividade proposta ou atuando de acordo com suas potencialidades.

A seguir, apresentaremos as estratégias didático-metodológicas visando à adesão de jovens meninas às aulas de esporte, considerando algumas possibilidades que partam daquilo que o(a) jovem já conhece, adaptando esses jogos e esportes, alcançando momentos de sensibilização e de desenvolvimento de projetos que contribuam para reconhecer as desigualdades nas relações de poder e de oportunidades, bem como para que os(as) estudantes se engajem conjuntamente em processos de crítica a elas.

Para tanto, ilustramos algumas estratégias baseadas em:

- Atividades de sensibilização para que os(as) estudantes reconheçam as desigualdades nas relações entre os gêneros. Também sugerimos filmes e documentários que possam ser utilizados para fomentar esse debate nas aulas;
- Jogos populares que podem ser proveitosos para o ensino do esporte;
- Adaptação dos esportes em pequenos jogos ou em jogos que contribuam para vínculos mais solidários e aprendizagens mais colaborativas;
- Esportes não convencionais que, ao não serem tão conhecidos, desestabilizam as hierarquias tradicionalmente construídas nas práticas usuais;
- Projetos que sejam desenvolvidos na escola, em possível colaboração com outras disciplinas e que possam integrar pequenos jogos, esportes adaptados, atividades de sensibilização e compartilhamento com a comunidade escolar dos resultados obtidos.

3 SENSIBILIZANDO AS JOVENS MENINAS E OS JOVENS MENINOS SOBRE AS DESIGUALDADES DE OPORTUNIDADES DE PRÁTICAS ESPORTIVAS

Para que as jovens meninas protagonizem as aulas, além de jogos que favoreçam esse tipo de engajamento, é importante que elas também estejam mobilizadas para tal. Uma ferramenta que pode contribuir para essa mobilização, bem como para o empoderamento diante dos esportes coletivos, é a sensibilização. Por sensibilização entendemos o reconhecimento das desigualdades de oportunidades, suas raízes históricas, suas consequências sociais e individuais.

Os jovens meninos também devem reconhecer essas desigualdades a fim de serem informados sobre sua condição de privilégio de acesso às práticas esportivas e, assim, desenvolver uma consciência crítica e contribuir para um ambiente mais equânime na escola. Os jovens meninos devem colocar-se como aliados das jovens meninas em seu processo de empoderamento.

Tendo isso em vista, as atividades de sensibilização foram elaboradas ou adaptadas objetivando inspirar os(as) professores(as) a desenvolverem momentos reflexivos em relação às questões de gênero e respeito às diferenças no contexto da Educação Física Escolar. A seguir, ilustramos duas possibilidades: as petecas da diversidade e os jogadores invisíveis. Por fim, sugerimos documentários, entrevista e filmes que os(as) professores(as) podem usar para promover a sensibilização dos(as) estudantes.

3.1 “Petecas da diversidade”¹

O objetivo dessa atividade é promover o respeito à diversidade e o reconhecimento das diferenças e sua valorização positiva, bem como ampliar os conhecimentos relacionados às questões de gênero. Além dos objetivos específicos de sensibilização dos(as) jovens meninos e meninas, a atividade também contribui para o desenvolvimento de concentração, memória e trabalho em equipe.

¹ Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa (com base em dinâmica promovida em curso de formação docente voltado aos(às) professores(as) da Prefeitura Municipal de Vitória, ES, em 2019).

Materiais: 3 petecas.

Desenvolvimento:

A proposta consiste em promover simultaneamente discussões relacionadas à questão de gênero, associadas ao trabalho em equipe, exercitando a memória e a concentração. Nessa dinâmica, o(a) professor(a) dispõe os(as) estudantes em círculo e explica que lançará uma peteca e uma questão para debate. O(a) estudante que a receber deverá apresentar-se e opinar sobre o assunto em pauta, que estará relacionado a temas específicos inerentes a gênero, por exemplo: “Futebol não é coisa de mulher” ou “Mulheres são fracas”, entre outros. Depois de responder, o(a) estudante lança a peteca para outro(a) colega, preferencialmente distante, que igualmente irá apresentar-se e opinar sobre o questionamento.

Na oportunidade, o(a) professor(a) ressalta que todos(as) os(as) participantes devem lembrar-se de quem recebeu a peteca e para quem a lançou, pois, finalizada a primeira rodada de opiniões, o(a) docente incluirá as outras duas petecas na atividade, que serão lançadas na mesma sequência dos lançamentos iniciais. Entretanto, os(a) estudantes devem apenas se concentrar no lançamento e na recepção das petecas, que estarão sendo arremessadas simultaneamente, de modo que ao final devem retornar às mãos do(a) professor(a).

É comum alguns/algumas terem dificuldades em lançar ou receber a peteca. Nessas circunstâncias, o(a) professor(a) perceberá que provavelmente os(as) participantes vão se esforçar para cumprir a missão, deslocando o corpo para impedir que a peteca caia, e outros(as) empreenderão esforços para arremessá-la, bem como haverá a possibilidade de se deparar com os(as) descompromissados(as) ou desatentos(as) com a atividade, que na tentativa de chamar atenção, ou por falta de concentração, possivelmente comprometerão as regras.

Dependendo dos fatos evidenciados, o(a) professor(a) inicia a discussão trazendo à tona as opiniões dos(as) estudantes e perguntando do que eles(as) precisaram para realizar a dinâmica, podendo instigá-los(as) apresentando dados estatísticos pertinentes a questões de gênero no contexto esportivo.

Além disso, o(a) professor(a) pode evidenciar que em determinadas situações da dinâmica alguns/algumas precisaram da ajuda do(a) colega para não deixar a peteca cair.

Aproveitando a oportunidade, o(a) docente pode dar continuidade ao direcionamento das reflexões relacionadas a questões de gênero alertando, por exemplo, que, do mesmo modo que alguns/algumas colegas se esforçaram tanto para arremessar a peteca quanto para agarrá-la, nas modalidades esportivas tradicionais ou não esse comportamento torna-se imprescindível, pois se houver empatia as atividades fluirão com mais facilidade.

3.2 “Jogadores(as) invisíveis”²

O objetivo dessa atividade é fazer os(as) estudantes refletirem sobre a invisibilidade do esporte feminino e sobre o preconceito contra mulheres no âmbito esportivo.

Materiais: cartolina cortada aproximadamente na dimensão 10x15, canetas, datashow.

Desenvolvimento:

Nessa dinâmica, o(a) professor(a) inicialmente exibe um comercial da ESPN intitulado “Invisible players”³, que tem apenas dois minutos de duração. É aconselhável assistir ao vídeo de antemão para estrategicamente pausá-lo antes que os(as) personagens do comercial se apresentem. O(a) professor(a) pode incentivar os(as) estudantes a tentarem adivinhar quem são os(as) atletas que estão executando com destreza as jogadas, cujas imagens aparecem inicialmente distorcidas.

² Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa (inspirada em atividade sugerida na disciplina “Problemáticas da Educação Física” do mestrado ProEF).

³ ESPN Brasil. Invisible players: o quanto você sabe sobre esporte. 2016. (2min). Disponível em: <https://www.google.com/search?q=invisible+players&oq=invisible+players-&aqs=chrome..69i57j0l7.18431j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 5 fev. 2020.

A proposta objetiva encorajar os(as) discentes a emitirem opiniões – o que deve ser estimulado pelo(a) professor(a) – a cada lance apresentado nas imagens, que serão periodicamente pausadas. Provavelmente suas pressuposições coincidirão com os dados exibidos ao término do vídeo. O comercial foi elaborado com base em uma pesquisa na qual se constatou a predominância de participantes que associaram as imagens exibidas a nomes de atletas homens. Na sequência das cenas, os(as) estudantes são surpreendidos(as) com imagens de mulheres, situação que possivelmente causará perplexidade nos(as) jovens.

Abrem-se precedentes para um debate no qual o(a) professor(a) pode conduzir o grupo a uma reflexão sobre o padrão de se atribuir boas jogadas e alguns lances esportivos a imagens masculinas. Partindo dessa premissa, o(a) docente solicita que os(as) estudantes expressem nos cartões, que serão previamente distribuídos, situações ou experiências de preconceitos relacionados a questões de gênero, vivenciadas ou presenciadas no cotidiano, ou enfatizando situações relacionadas a práticas esportivas.

A proposta de escrever nos cartões experiências discriminatórias relacionadas a gênero, vivenciadas ou presenciadas, pode ser voluntária, uma vez que a intenção é verificar por meio de depoimentos espontâneos qual o impacto da atividade no processo de sensibilização dos(as) estudantes.

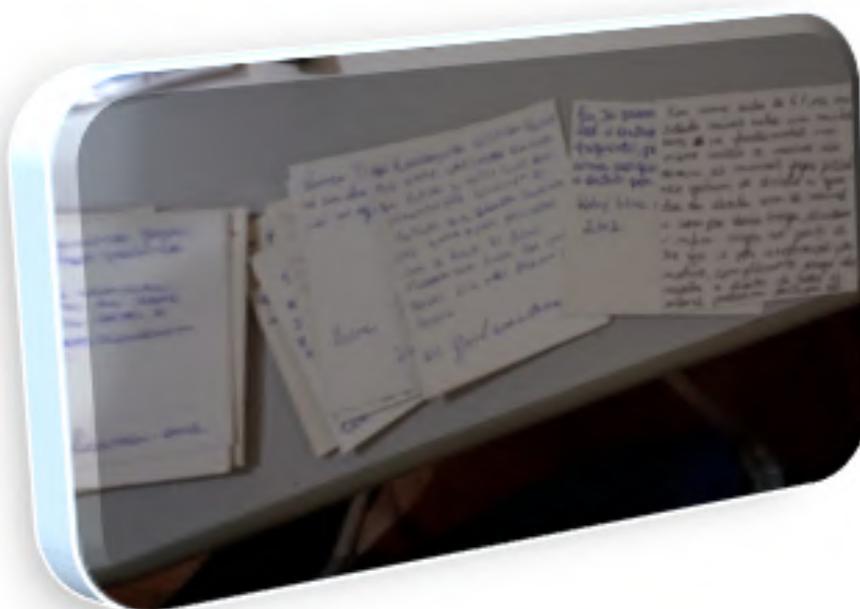
Os cartões preenchidos podem ser compartilhados entre os(as) participantes para que possam refletir e debater sobre o assunto, com o intuito de promover a percepção do quanto o sexismo está presente em nosso cotidiano. Concomitantemente, os(as) professores(as) com os(as) estudantes podem fazer uso de recursos midiáticos, tais como: aplicativos, blogs, redes sociais ou exposições em murais, entre outras possibilidades, objetivando dar visibilidade à iniciativa.



Apresentação do comercial



Registro das experiências na produção dos cartões



Cartões produzidos

3.3 Sugestões de documentários, entrevista e filmes

Os materiais apresentados a seguir visam fomentar debates entre professores(as) e estudantes com base em conteúdos relacionados às questões de gênero.

Quadro 2 – Sugestões de documentários e entrevista

DOCUMENTÁRIOS			
Nº	TÍTULO	REFERÊNCIA	SINOPSE
1	Marta chama atenção para desigualdade salarial entre homens e mulheres no esporte	UN WOMEN. Meet Marta, UN Women's Goodwill Ambassador for women and girls in sport. 2018. (1min30s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?time_continue=45&v=tV3c3K8Kj70&feature=emb_title . Acesso em: 3 fev. 2020.	A jogadora de futebol brasileira Marta Vieira da Silva, embaixadora da Boa Vontade da ONU para mulheres e meninas no esporte, relata as dificuldades enfrentadas no início de sua carreira. O objetivo é inspirar mulheres e meninas a desafiar estereótipos, superar barreiras e seguir suas metas, inclusive na área esportiva.
2	O silêncio dos homens	Papo de Homem e Instituto PdH. O silêncio dos homens . 2019. (1h). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&v=pt . Acesso em: 10 fev. 2020.	O filme é parte de um projeto que ouviu mais de 40 mil pessoas sobre questões a respeito das masculinidades. O conteúdo pode auxiliar os(as) professores(as) nos debates sobre gênero e masculinidades.
3	Deixa que eu chuto	ALVES, Alfredo. Deixa que eu chuto . 2008. (44min). Disponível em: http://alfredoalvescine.com.br/portfolio-type/deixa-que-eu-chuto/ . Acesso em: 10 fev. 2020.	Documentário que conta a história de quatro jogadoras brasileiras de futebol feminino. Apresenta depoimentos de meninas apaixonadas pelo esporte e conversa com suas famílias, revelando as dificuldades de estabelecer-se em uma carreira majoritariamente masculina. "Deixa que eu chuto" ainda ouve Marta Vieira da Silva, a jogadora de futebol feminino mais premiada do mundo.

Nº	TÍTULO	REFERÊNCIA	SINOPSE
4	O que é a mulher em campo?	MARCHIORI, Ana Beatriz et al. O que é a mulher em campo? 2017. (14min11s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=sXYA42ss5Y0 . Acesso em: 12 fev. 2020.	O vídeo explora os preconceitos enraizados no futebol, esporte de maior fama no Brasil que também é reflexo do machismo de uma sociedade patriarcal. Participaram Luciane Castro (jornalista do Portal Vermelho e colaboradora do Museu do Futebol), Michelle Gianella (apresentadora do Gazeta Esportiva), Regiani Ritter (jornalista da Rádio Gazeta), Michelle Prazeres (professora e jornalista) e três jogadoras do Esporte Clube Juventus, time paulistano do bairro da Mooca, Zona Oeste.
5	Desigualdade de gênero no esporte	SASS, Gabriela. Desigualdade de gênero no esporte. 2016. (8min15s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=jhg4p2q1a5Q . Acesso em: 13 fev. 2020.	A filmagem aborda as dificuldades no processo de profissionalização das mulheres no esporte. Apresenta, entre outros assuntos, a falta de patrocínio e as diferenças salariais entre homens e mulheres atletas.
ENTREVISTA			
6	Dimensão olímpica: mulheres no esporte	GOELLNER, Silvana Vilodre. Dimensão olímpica: mulheres no esporte. 2016. (22min40s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kPtpDXaaBNA . Acesso em: 3 fev. 2020.	Silvana Goellner, professora e pesquisadora da ESEFID/UFRGS, fala sobre a participação feminina nos Jogos Olímpicos, o modo como a mídia retrata as mulheres e como as relações de gênero interferem na prática esportiva.

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Elaboração: Iris Batista da Luz Rosa (baseada nas sinopses das referências).

Quadro 3 – Sugestões de filmes.

FILMES			
Nº	TÍTULO	REFERÊNCIA	SINOPSE
1	O desafio da igualdade de gênero	ONG Plan International. O desafio da igualdade de gênero. 2018. (1min52s). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=9Ws3c3xFFhc . Acesso em: 14 fev. 2020.	A animação faz uma comparação entre a educação dada a meninos e a meninas. Aborda as diferenças de tratamento e suas consequências na sociedade. E também sugere formas de combater as desigualdades.
2	Menina de ouro	MENINA de ouro. Direção de Clint Eastwood. 2004. (2h12min). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=C0oxG3AXcrg . Acesso em: 15 fev. 2020.	"Menina de ouro" concorreu a sete Oscars e venceu quatro, sendo um dos grandes destaques da cerimônia de 2005. Maggie é uma boxeadora amadora que sonha em ser treinada por Frankie Dunn, o melhor técnico da área, mas ele não parece estar disposto a treinar uma garota. No entanto, Maggie provará ser a boxeadora com a qual ele sempre sonhou e, graças a ela, sua carreira avançará a passos largos.
3	Vitórias de uma vida	VITÓRIAS de uma vida. Direção de Greig Champion. EUA. 2016. (1h28min).	Baseado em fatos reais, o filme conta a história de Gabby Douglas, a primeira ginasta negra das Olimpíadas.

Fonte: Banco de dados da pesquisa.

Elaboração: Iris Batista da Luz Rosa (baseada nas sinopses das referências).

4 FOMENTANDO A PARTICIPAÇÃO DE MENINAS COM SUPORTE NOS JOGOS POPULARES ADAPTADOS

Os jogos populares fazem parte da cultura lúdica, de modo que se apresentam como uma estratégia interessante para engajar as meninas na participação em aulas de Educação Física. Além de aceitos e conhecidos pelos(as) estudantes, esses jogos ainda possuem características semelhantes aos esportes coletivos, como a oposição de um adversário e a cooperação entre os(as) estudantes. Ademais, permite o desenvolvimento do respeito às regras e a possibilidade de os(as) próprios(as) estudantes compreenderem-se como sujeitos que podem alterá-las em virtude de suas necessidades e interesses.

Para contribuirmos com a possibilidade da prática desses desafios esportivos, sugerimos dois jogos populares largamente aceitos pelos(as) jovens e adaptados para que a questão de gênero apareça com mais proeminência. Trata-se da queimada e do pique-bandeira. A queimada é um dos jogos favoritos dos(as) estudantes, e por possibilitar uma série de variações é uma atividade sempre muito dinâmica. O pique-bandeira apresenta desenvolvimento muito semelhante aos esportes coletivos de invasão, por isso é bastante interessante na iniciação esportiva para desenvolver noção de progressão para o campo adversário, a desmarcação e o trabalho coletivo dentro da equipe. A seguir descrevemos as adaptações que propusemos no contexto de transformar esses dois jogos em estratégias para fomentar a participação das jovens meninas.

4.1 “Queimada do gênero: menino só queima menino e menina só queima menina”⁴

O objetivo dessa adaptação do jogo queimada é desenvolver uma dinâmica em que as meninas possuam protagonismo e, com os meninos, se sensibilizem quanto à desigualdade na participação, bem como sobre a necessidade de atuarem juntos.

Além desse objetivo específico relacionado a gênero, a adaptação também possibilita que os(as) estudantes desenvolvam as habilidades vinculadas à queimada, como desmarcação em relação à bola e ao colega que arremessa, capacidades coordenativas de lançamento de bola sob pressão de tempo e de precisão, desenvolvimento do pensamento estratégico e jogo coletivo.

Materiais: duas bolas de vôlei ou de borracha.

Desenvolvimento:

A proposta apresenta as características de uma queimada tradicional, em que duas equipes mistas, compostas preferencialmente com o mesmo número de meninos e meninas, são convidadas a participar de uma variação desse jogo, mas agora voltada à igualdade de atuação. As equipes, separadas por uma linha central, tentam queimar os(as) integrantes da equipe oponente e, à medida que são queimados(as), eles(as) se dirigem para a linha de fundo da quadra adversária, dando continuidade às tentativas de queimar os(as) oponentes.

A proposta foi elaborada com base em informações obtidas na pesquisa que deu origem a este caderno pedagógico, na oportunidade os(as) participantes apresentaram relatos de que algumas jovens meninas deixam de participar por medo, além de também identificarmos ocorrências de meninas que assumem papéis secundários nas partidas. Assim, o propósito da variação da queimada é promover a atividade sem comprometer a integração dos(as) estudantes. E para que isso ocorra

⁴ Adaptação: Alexandre – professor participante da pesquisa de dissertação; e Mariana Zuaneti Martins – orientadora da pesquisa (complementações de Iris Batista da Luz Rosa).

a adaptação estabelece que os meninos só podem queimar os meninos e as meninas só podem queimar as meninas.

Em uma turma muito competitiva, em que as meninas talvez tenham menos espaço de participação nos arremessos, pode acontecer de todos os meninos serem queimados antes de as meninas se queimarem. Isso pode levar os meninos a reclamarem de que o jogo acabou para eles. Nesse caso, o(a) docente pode esclarecer que as meninas também participam arremessando e que eles podem contribuir do lado de fora (no fundo da quadra) estimulando e passando a bola para as meninas que ainda não foram queimadas arremessar. Ao final da partida, o(a) professor(a) pode conversar com os(as) estudantes sobre as razões pelas quais houve o desequilíbrio entre os gêneros no início do jogo, caso os meninos sejam os primeiros a serem queimados.

A partida pode ser complementada com outras variações, por exemplo incluindo duas bolas, transformando-se assim na tradicional “queimada com duas bolas”. Outra variação complementar é estabelecer uma segunda etapa, na qual, a partir do(a) terceiro(a) participante queimado(a), a equipe conquista o direito de realizar arremessos e tentativas de queimar os(as) oponentes nas linhas laterais da quadra adversária, desde que o primeiro arremesso seja realizado na linha de fundo, tornando a atividade mais dinâmica.



Queimada do gênero (variação com duas bolas).

4.2 “Pique-bandeira por gênero”⁵

O objetivo é desenvolver um jogo estratégico que contemple a igualdade de gênero. O pique-bandeira desenvolve a capacidade tática de desmarcação, jogo coletivo e progressão em um terreno de jogo. Ao obrigar que só jovens meninas ou só jovens meninos possam pontuar, a equipe deve desenvolver um jogo coletivo que favoreça o sucesso de ambos, colocando, por exemplo, meninas como protagonistas desse processo, sem inferiorizá-las ou discriminá-las.

Materiais: duas bandeiras ou duas bolas.

Desenvolvimento:

A sugestão consiste em uma partida de pique-bandeira praticamente tradicional, no qual duas equipes devem tentar atravessar a quadra oponente até o ponto neutro, que geralmente corresponde à área do(a) goleiro(a) das modalidades futsal/handebol. O objetivo é pegar a bandeira/bola e retornar para a quadra da equipe sem ser “boiado”, isto é, sem que seu(a) oponente toque em alguma parte de seu corpo.

Simultaneamente, os(as) participantes tentam “boiar” quem se arrisca a atravessar a quadra, pois, ao ser tocado(a), a pessoa “boiada” deve ficar estática, até que algum/alguma companheiro(a) o(a) resgate, tocando em seu corpo. Há também a possibilidade de puxar o(a) oponente para a sua quadra, devendo este permanecer parado(a) até ser resgatado(a) por um/uma companheiro(a).

O diferencial na sugestão da atividade está em estabelecer que periodicamente um gênero específico atravesse a quadra, e preferencialmente que não sejam os(as) mesmos(as) participantes, possibilitando que mais jogadores(as) atuem efetivamente. A iniciativa promoverá uma igualdade no desenvolvimento do pique-bandeira, pois, se não houver intervenções em algumas dinâmicas, provavelmente os(as) estudantes mais habilidosos(as) dominarão a atividade, enquanto os(as) demais atuarão de forma secundária. Portanto, ao término da

⁵ Adaptação: Luana e Jorge – professores(as) participantes da pesquisa de dissertação de mestrado ProEF (complementações de Iris Batista da Luz Rosa).

proposta, o(a) professor(a) pode levantar questionamentos sobre o formato sugerido visando promover uma reflexão sobre as oportunidades de atuação equitativa nas aulas de Educação Física. Posteriormente, é interessante incentivar os(as) estudantes a apresentarem outras variações que privilegiem a igualdade de gênero.



Pique-bandeira por gênero

5 O ESPORTE TRANSFORMADO EM PEQUENOS JOGOS PARA PROMOVER O PROTAGONISMO DAS JOVENS MENINAS

Uma das formas que contribui para o protagonismo na participação esportiva visando aumentar oportunidades para que meninas e meninos toquem na bola e tenham mais chances de acertar, bem como ao desenvolvimento do prazer com o jogo, refere-se à utilização de pequenos jogos simultâneos. Como adiantamos anteriormente, trata-se de jogos 1x1, 2x1, 2x2, 3x2, 3x3, 4x2, 4x3, entre outros. São jogos em que todas os(as) participantes são constantemente convidados(as) a contribuir com o desenrolar da partida, de modo que tenham mais oportunidades de aprender e de acertar, fato que possivelmente irá gerar satisfação. Esses jogos podem ser realizados concomitantemente, com a divisão do espaço em miniquadras, de modo que muitos(as) ou todos(as) estudantes jogam ao mesmo tempo, participando ativamente e tocando muitas vezes na bola.

Os jogos não precisam necessariamente ser relacionados a uma modalidade esportiva específica, uma vez que podem ser organizados pela lógica das modalidades (isto é, se são de invasão ou de quadra dividida/rede/parede). Essa ideia de lógica comum que reúne as modalidades esportivas está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e permite que os(as) estudantes transfiram o aprendizado da capacidade de jogo de uma modalidade esportiva para outra, o que, por exemplo, contribui para a diversificação das modalidades trabalhadas. A seguir, trazemos algumas propostas de jogos simultâneos 3x3, jogo de passes e de minivoleibol.

5.1 “Jogo dos 10 passes adaptado”⁶

O objetivo dessa atividade é desenvolver a capacidade de jogo coletivo, de superar a equipe oponente, de se desmarcar e reconhecer espaços vazios para receber a bola. Pode ser trabalhado com as mãos ou com os pés, ou mesmo em alternância. Pode ser realizado com 2x2 (mais difícil), 3x3 e 4x4. O professor(a) escolhe usar a figura de 1 ou 2 coringas para a equipe que possui a posse de bola a fim de contribuir para o sucesso dos(as) participantes do jogo. A adaptação aqui proposta visa promover uma forma diferenciada de separação de equipes.

⁶ Adaptação: Catarina – professora participante da pesquisa de dissertação de mestrado ProEF (adaptação com complementações de Iris Batista da Luz Rosa).

Materiais: bolas (de handebol, de vôlei, de basquete ou de futebol) e uma caixa com cartões de papel ou EVA que serão utilizados na separação das equipes e cujas cores devem ser compatíveis com o número de equipes a serem formadas.

Desenvolvimento:

No “Jogo dos 10 passes adaptado”, o(a) professor(a) tem a possibilidade de dividir as equipes de maneira diferenciada. A ideia é evitar as tradicionais divisões de equipes pela escolha dos(as) estudantes mais carismáticos(as). A proposta sugere que o(a) docente tenha uma caixa contendo uma quantidade de cartões de papel ou EVA coloridos, previamente quantificados, para que cada estudante retire a cor que corresponderá à sua equipe. Assim não será possível formar “panelinhas” e o(a) professor(a) evitará constrangimentos por se tratar de um sorteio, uma vez que sabemos que entre os(as) últimos a serem escolhidos no sistema de divisão “par ou ímpar” as jovens meninas são predominantes. Essa situação pode ser apresentada aos(às) estudantes visando à percepção de circunstâncias que são geralmente naturalizadas nas aulas de Educação Física.

A proposta segue como no jogo de passes tradicional, em que uma equipe possui a posse de bola, enquanto a outra tenta recuperá-la. A equipe que estiver com a posse da bola deve tentar ininterruptamente lançá-la entre os(as) integrantes de sua equipe, sem que a bola seja interceptada pela equipe oponente. Caso isso ocorra, a contagem é interrompida e só é retomada quando a equipe conseguir obter a posse de bola novamente. No caso, a cada dez passes a equipe pontua e na primeira etapa não é necessário tentar lançar a bola ao gol, mas em um segundo momento o(a) docente pode liberá-lo. Como regra, o(a) professor(a) pode incluir que não é possível tirar a bola da mão ou do pé do colega (por alguns segundos) e que não é possível que o(a) estudante conduza a bola.

O(a) professor(a) pode conceder pontuação extra para a equipe que conseguir dispor os passes a todos(as) os(as) integrantes. Essa iniciativa incentivará os(as) integrantes das equipes a oportunizar a todos(as) a efetiva participação na atividade. É interessante, ao término da jogada, o(a) docente promover uma reflexão sobre o tradicional sistema “par ou ímpar” pelo qual provavelmente todos(as) passaram ao longo da trajetória estudantil.

Sugestão: consultar o site que serviu de inspiração para a adaptação da atividade, para que o(a) docente possa criar as próprias propostas.⁷



Jogo dos 10 passes adaptado

⁷ SOUZA, Camilo Araújo Máximo de. Handebol: jogo dos passes nas aulas de Educação Física do CAP/UFRJ. Rio de Janeiro: Portal do Professor, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=7147>. Acesso em: 23 mar. 2020.

5.2 “Jogo 3x3 adaptado de basquete”⁸

O objetivo da atividade é desenvolver o jogo coletivo, o reconhecimento de espaços, desmarcação e progressão em direção ao alvo. Além disso, a proposta é promover reflexões sobre a influência da mídia no contexto esportivo.

Materiais: 2 bolas de basquete e 2 bolas de borracha (opcional), quadra com tabela ou baldes, cartões coloridos de identificação.

Desenvolvimento:

A atividade pode ser desenvolvida em duas etapas, sendo a primeira destinada a um momento reflexivo, no qual o(a) professor(a) explora a história do basquete. Segue, assim, abordando a influência da mídia no contexto esportivo profissional, ressaltando que, ao mesmo tempo em que os meios de comunicação contribuem positivamente na divulgação dos torneios, também podem comprometer a aquisição de patrocínios das equipes femininas, por geralmente concederem mais espaço às partidas masculinas.

Ao longo da história, o basquete tornou-se uma modalidade democrática, mas não o suficiente para superar as desigualdades no âmbito esportivo em relação a gênero. Por esse motivo, a atividade sugerida visa promover uma prática de basquete na qual todos(as) tenham as mesmas oportunidades para participar das jogadas, o que deve ser previamente enfatizado pelo(a) professor(a).

As regras não precisam ser necessariamente as mesmas que da modalidade oficial do basquete 3x3. No entanto, compete ao(a) professor(a) estimular os(as) estudantes a interagirem de modo que oportunizem lançamentos à tabela e sigam uma sequência para que todos(as) os(as) integrantes trabalhem em equipe, facilitando a vez do(a) colega convidado(a) a arremessar. Para sugerir quem deve arremessar, o(a) professor(a) pode também utilizar a estratégia do uso de cartões coloridos de identificação distribuídos em uma caixa.

⁸ Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa (baseada nas regras oficiais da FIBA).

Os(as) estudantes precisam trabalhar em equipe buscando alternativas para respeitar a sequência organizada pelo(a) professor(a) para conseguir fazer o maior número de cestas válidas. Na oportunidade, os(as) estudantes que estiverem aguardando a vez de jogar podem atuar temporariamente como auxiliares, para conferir a sequência dos lançamentos, validando-os ou não.

Inicialmente, se o(a) professor(a) considerar necessário, pode substituir a bola de basquete por uma de borracha, para tranquilizar os(as) estudantes que têm medo ou mais dificuldades em lançar, para assim conseguirem executar a prática sem aversão à bola. Posteriormente o(a) docente poderá encorajá-los(as) a jogar com a bola tradicional. Além disso, o(a) professor(a) pode sugerir que os(as) estudantes transfiram esse modelo de jogo para outras modalidades esportivas, se considerarem interessante, promovendo um jogo de futebol 3x3, handebol 3x3, entre outros.

Sugestão: consultar a matéria complementar contendo as regras oficiais do basquete 3x3 [9](#) e o vídeo que o diferencia do basquete tradicional [10](#).

5.3 “Minivôlei” 11

O objetivo do minivôlei é provocar reflexões sobre gênero e promover uma atividade em que todos(as) os(as) estudantes tenham as mesmas condições de participar.

Materiais: rede e bolas de vôlei, cuja quantidade dependerá do espaço e dos recursos materiais.

9 CBB. Regras oficiais da FIBA. 2019. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MjQ2MQ%2C%2C>. Acesso em: 30 mar. 2020.

10 GAZETA ESPORTIVA. Diferença do basquete tradicional e basquete 3x3. Gazeta Esportiva, São Paulo, 2017. (4min11). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSuvDfSEUv8>. Acesso em: 30 mar. 2020.

11 Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa e Mariana Martins Zuaneti (com base em proposta disponível na internet).

Desenvolvimento:

Inicialmente, a proposta corresponde a um segmento de “jogos reduzidos”, adaptando espaços e materiais para atender simultaneamente ao maior número de estudantes. A partida funciona de forma semelhante ao vôlei tradicional, e a diferença está no fato de impor um número restrito de participantes por equipe.

Os(as) estudantes que apresentam limitações geralmente se sentem mais seguros e menos expostos(as) nessa adaptação. E, para encorajá-los(as) ainda mais, o(a) professor(a) permite que a recepção do saque seja realizada segurando a bola, dando continuidade aos passes seguintes com base nos fundamentos do vôlei.

Nessa atividade, sugerimos trios ou quartetos compostos de integrantes com distintos níveis de conhecimento de voleibol, para que os(as) estudantes que dominam a modalidade possam colaborar com os(as) colegas que apresentam dificuldades. No minivôlei consultado **12**, há uma ilustração das possibilidades de divisão do espaço, uma vez que a dimensão aproximada da quadra pode variar, mas em média apresenta aproximadamente 8x12 metros, oscilando de acordo com o espaço disponibilizado.

Sugestão: permitir que estudantes com dificuldades no saque tenham chances dobradas. Ainda, se necessário e de acordo com o interesse do grupo, o(a) professor(a) pode permitir que estes(as) saquem mais próximos(as) à rede, situação que gradativamente deve ser alterada, com o(a) estudante distanciando-se à medida que conseguir efetivar o saque.

12 DIA A DIA EDUCAÇÃO. Minivoleibol. Secretaria da Educação do Paraná. 2011. Disponível em: <http://educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=274>. Acesso em: 13 abr. 2020.

6 RESSIGNIFICANDO AS PRÁTICAS ESPORTIVAS

Os jogos adaptados apresentam-se como importantes alternativas voltadas à diversificação das práticas desenvolvidas nas aulas de Educação Física. Esse recurso pode aguçar a curiosidade dos(as) estudantes pelas diferentes formas de explorar modalidades que provavelmente em outras oportunidades tenham sido praticadas de forma convencional. As iniciativas podem ser complementadas com momentos reflexivos, amparados principalmente pela abordagem de aspectos históricos e culturais. Pensando em possibilidades para contribuir na superação das adversidades mencionadas pelos(as) docentes em relação às questões de gênero, a seguir apresentamos algumas sugestões de atividades.

6.1 “Totó humano adaptado” 13

O objetivo dessa dinâmica é promover reflexões sobre o tema “respeito às diferenças”.

Materiais: bola de futsal, coletes ou fitas para a identificação das equipes.

Desenvolvimento:

Os(as) estudantes são organizados(as) de mãos dadas e de forma mista em duas equipes, cada uma composta de duas fileiras. A primeira fileira de cada equipe pode ficar paralelamente a três metros de distância da linha central da quadra, enquanto a segunda fileira posiciona-se próxima à área do(a) goleiro(a).

O(a) professor(a) inicia a partida lançando a bola na linha central da quadra e, sem soltar as mãos e realizando deslocamentos horizontais, os(as) estudantes tentam fazer gol, que estará sem goleiro(a).

Para que haja democracia nos posicionamentos, as fileiras são periodicamente mudadas de posição de acordo com a orientação do(a) docente. Vale lembrar que para prevenir acidentes os chutes devem ser rasteiros.

Na finalização da proposta prática, o(a) professor(a) convida os(as) estudantes para um momento reflexivo, pautado em comentários inerentes às dificuldades percebidas. Na oportunidade, é importante ressaltar que a atividade só flui se houver trabalho em equipe, que a contribuição de todos(as) é imprescindível, apontando que as parcerias estabelecidas naquele momento devem ser reproduzidas em sociedade, isto é, todos(as) unidos em prol de um objetivo.

Comentários sobre o desempenho dos(as) colegas participantes provavelmente emergirão, e o(a) professor(a) vai se deparar com narrativas que servirão de referência para oportunas considerações pertinentes a questões de gênero. O tema “habilidade” associado, por exemplo, a gênero e à raça pode servir de conteúdo para se trabalhar o “respeito às diferenças”.

A sociedade reproduz comentários machistas ou voltados à superioridade de determinada raça em modalidades esportivas específicas, e, com base nas análises das falas dos(as) estudantes, o(a) professor(a) pode mediar um debate levantando, por exemplo, questionamentos inerentes a teorias relacionadas à habilidade de pessoas negras na natação ou brancas no atletismo e das mulheres em modalidades caracterizadas pelo senso comum como masculinas.

As discussões podem ser desenvolvidas nas aulas posteriores ao desenvolvimento do “Totó humano adaptado”, fundamentadas em artigos científicos que devem ser pesquisados pelos(as) próprios(as) estudantes, orientados(as) pelo(a) professor(a), visando ao acesso a fontes confiáveis no intuito de desmistificar alguns conceitos.

Sugestão: consultar o site [14](#) que serviu de inspiração para a adaptação da atividade para que o(a) docente possa criar as próprias propostas.

14 PORTAL DO PROFESSOR. CAMPOS, Túlio. Diferentes formas de brincar o futebol. 2009. Minas Gerais. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15943>. Acesso em: 31 mar. 2020.



Totó humano adaptado¹⁵

6.2 “Futsal em dupla misto” 16

O objetivo desse jogo é promover parcerias entre meninos e meninas, visando ao protagonismo feminino no futebol.

Materiais: bola de futsal, tecido TNT para atar os punhos.

Desenvolvimento:

Na pesquisa de dissertação que fundamentou este caderno pedagógico, alguns/algumas professores(as) afirmaram encontrar dificuldades em ministrar aulas de futsal na versão mista, e outros consideraram impossível implementar em suas escolas a integração entre meninos e meninas nas partidas.

¹⁵ Imagem do “Totó humano adaptado” desenvolvido na EEEM “Desembargador Carlos Xavier Paes Barreto” pelos residentes de Educação Física do Programa Residência Pedagógica, em 2019. Professora preceptora: Iris Batista da Luz Rosa.

¹⁶ Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa (inspirada em DINÂMINAS. Futebol em dupla. 2016).

Pensando em possibilidades de promover ações voltadas ao protagonismo feminino no futsal e concomitantemente proporcionar a sensibilização dos(as) estudantes, sugerimos a proposta do “futsal em dupla misto”.

A versão original do “futsal em dupla”¹⁷ assemelha-se a uma partida tradicional do jogo oficial em relação às regras. O que a diferencia nessa adaptação é a ideia de formar duplas mistas, em que os(as) estudantes precisam implementar estratégias para alcançar o objetivo de fazer com que somente as meninas possam tocar na bola, dominando-a para tentar efetivar o gol. Entretanto, as duplas terão que manter as mãos unidas por uma amarração feita com uma fita de tecido. Em um segundo momento, o(a) professor(a) pode descartar as fitas para preservar e estimular o exercício de pensar continuamente no(a) companheiro(a). Caso um/uma integrante da dupla solte a mão em uma ação individualizada, a equipe será advertida com uma falta. As faltas cometidas com base em ações individualizadas servirão de referência para um momento reflexivo ao término da atividade. O(a) professor(a) com os(as) estudantes poderão converter as possíveis dificuldades narradas em proposta de superação das adversidades.

6.3 “Toco’ nas desigualdades” 18

O objetivo dessa atividade é promover reflexões sobre as desigualdades salariais relacionadas a gênero, exemplificadas por meio da modalidade basquete.

Materiais: 4 bolas de basquete; cartões com imagens de atletas profissionais da respectiva modalidade contendo no verso o nome e a descrição de seus principais títulos, curiosidades e também o seu salário médio; duas mesas ou cadeiras para acomodar os cartões.

17 DINÂMINAS. Futebol em dupla. (2016). Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/dinamicas-de-grupo/futebol-em-dupla/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

18 Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa.

Desenvolvimento:

As desigualdades salariais em relação às mulheres no mercado de trabalho evidenciadas na dissertação de mestrado que fundamentou o caderno pedagógico estão presentes no segmento esportivo. Considerando essa particularidade, a atividade “‘Toco’ nas desigualdades” visa inicialmente promover a familiarização dos(as) estudantes com as atletas profissionais e concomitantemente evidenciar as assimétricas médias salariais com ênfase na questão de gênero.

A atividade pode ser iniciada com os(as) estudantes organizados(as) em quatro filas, sendo duas em cada metade da quadra, compostas de meninos e meninas e preferencialmente com o mesmo número de participantes. As cadeiras ou mesas com os cartões das imagens de atletas profissionais devem ser posicionadas próximas à tabela de basquete.

O objetivo é que os(as) estudantes realizem tentativas de arremessos com a bola de basquete à tabela, com cada um/uma tendo até três chances para acertar, e cada acerto corresponderá a um ponto. À medida que acertarem ou esgotarem as possibilidades de arremessos, os(as) estudantes devem seguir para a mesa contendo as imagens dos(as) atletas com as especificações dos principais títulos e curiosidades descritas no verso. O(a) professor(a) mostrará a imagem e o(a) estudante tentará adivinhar o nome daquele(a) atleta e poderá complementar com informações adicionais; caso o(a) discente acerte os dados do cartão, a equipe ganhará pontuação extra proporcional à quantidade de informações corretas. Para controlar a pontuação e verificar a média de acertos de nomes e especificidades dos(as) profissionais masculinos e femininos, o(a) docente deve distribuir nas mesas o mesmo número de cartões com imagens por gênero.

No fim, vencerá a equipe que mais pontos fizer; entretanto, é fundamental finalizar a atividade convidando os(as) estudantes para conferirem as pontuações e compararem as diferenças na quantidade de acertos referentes aos atletas do basquete masculino e do feminino. Provavelmente os(as) estudantes estarão mais familiarizados(as) com os profissionais do gênero masculino. Diante dessa evidência, o(a) professor(a) pode direcionar o grupo para um momento reflexivo apresentando dados estatísticos que evidenciem as desigualdades de gênero, promovendo uma discussão com os(as) estudantes sobre o assunto.

Sugestão: consultar matéria extraída de site¹⁹ que também especifica o salário dos(as) profissionais do basquete por gênero

19 SALÁRIO. Atleta do Basquete – Salário 2020 e Mercado de Trabalho. 2020. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/atleta-do-basquete-cbo-377105/>. Acesso em: 3 jul. 2020.

7 DESESTABILIZANDO AS HIERARQUIAS NAS PRÁTICAS POR MEIO DOS ESPORTES NÃO CONVENCIONAIS

A promoção de atividades voltadas à equidade por meio do desenvolvimento de modalidades “não convencionais” no contexto da Educação Física Escolar apresenta-se como uma alternativa para instigar os(as) estudantes a aderirem às práticas. As dinâmicas sugeridas a seguir não exigem fundamentos específicos, pois basicamente requer segurar a bola, correr e desviar dos(as) integrantes da equipe oponente. Propor uma atividade que almeje superar ou amenizar as “hierarquias” entre os gêneros corresponde a um movimento de “transgressão”, de acordo com iniciativas pacíficas e com potencial de modificar a “ordem estabelecida” socialmente (BOTELHO GOMES; SILVA; QUEIRÓS, 2000, p. 44).

7.1 “Futebol americano adaptado” 20

O objetivo da atividade é apresentar a história do futebol americano feminino e promover uma forma diferenciada de separação das equipes com ênfase no tema gênero.

Materiais: bola de futebol americano (preferencialmente) e tabela de basquete.

Desenvolvimento:

Inicialmente, é interessante apresentar a história do futebol americano feminino ²¹ para que os(as) estudantes se familiarizem com a modalidade e com as particularidades pertinentes a gênero. Em seguida, sugerimos separar as equipes de maneira diferenciada, pois em pesquisas identificamos que predominantemente as meninas são as últimas a serem escolhidas no tradicional método de divisão por meio do “par ou ímpar”, cujo sistema de seleção gera constrangimentos em relação aos(às) últimos(as) a serem escolhidos(as).

20 Adaptação: Iris Batista da Luz Rosa.

21 ESPORTELANDIA. Futebol Americano Feminino: história, ligas e times. 2019. Disponível em: <https://www.esportelandia.com.br/futebol-americano/futebol-americano-feminino/>. Acesso em: 3 jun. 2020.

A sugestão é recorrer ao sistema de enumeração dos(as) estudantes para formar as equipes em uma turma com trinta discentes, por exemplo: serão formadas seis equipes, considerando o fato de a modalidade comportar no máximo cinco participantes por equipe, dependendo da dimensão da quadra. O(a) professor(a) pode manter os(as) estudantes em círculo e enumerar as meninas de um a seis e depois os meninos de um a seis. Esse método impede que os(as) estudantes classifiquem indiretamente os(as) colegas como mais ou menos habilidosos(as), como ocorre no tradicional sistema de divisão por meio do “par ou ímpar”. O(a) docente pode aproveitar a oportunidade para conversar a respeito do assunto, uma vez que tal método encontra-se tão naturalizado que geralmente não se percebe que ele é excludente.

A modalidade adaptada consiste na combinação de dois esportes, futebol americano e basquete, e um jogo popular, o pique-bandeira. O objetivo é promover uma atividade em que todos(as) os(as) participantes atuem equitativamente. Por tratar-se de um jogo estratégico, que não requer habilidades específicas em relação aos fundamentos, a atividade torna-se bem democrática.

A modalidade inicia no centro da quadra, com a equipe que estiver com a posse da bola, que pode ser definida no cara ou coroa. A saída de bola assemelha-se à do futebol americano, com um/uma jogador(a) posicionado no centro da quadra com as pernas afastadas, que então lança a bola por entre as pernas sem que esta toque no chão, e os oponentes devem estar posicionados a três metros de distância desse jogador. Na saída, a bola não pode tocar no chão, caso contrário haverá reversão.

Iniciada a partida, o(a) integrante que receber a bola deve sair correndo em direção à área do(a) goleiro(a), como no pique-bandeira. O respectivo ponto será uma “área neutra”, e durante o deslocamento em direção a esse local o(a) estudante precisa preocupar-se em não ser tocado(a) nas costas, porque se isso ocorrer ele(a) deve passar a bola para o(a) oponente que o(a) tocou. Ao ser tocado(a) nas costas, o(a) participante fica paralisado(a) na jogada e não pode tocar nas costas dos(as) oponentes.

Ele(a) tem de aguardar a ajuda de algum/alguma companheiro(a) de equipe, que deve invadir a quadra adversária para libertar o(a) colega, tocando em suas costas, seguindo a lógica do pique-bandeira. Caso consiga desviar-se de todos(as) e chegar até a área neutra, o(a) jogador(a) não precisa mais preocupar-se com o toque nas costas, pois nenhum oponente poderá invadir essa área.

Devidamente posicionado na área neutra, o(a) participante tentará lançar a bola no pequeno retângulo da tabela, que fica próximo ao aro. Entretanto, o objetivo não é lançar a bola dentro do aro, mas fazer com que ela toque a linha ou o centro do pequeno retângulo, efetivando assim a pontuação, que pode ser de um ponto. A partida reinicia no centro da quadra, com a equipe oponente.

Como no pique-bandeira, há possibilidade de puxar o oponente para a sua quadra e, nesse caso, o(a) participante só retorna para sua equipe se resgatado(a) por algum/alguma companheiro(a). Com a finalidade de encorajar a todos(as) para que possam desfrutar da emoção de atravessar a quadra, pode ser inserida uma regra adicional, especificando que a equipe que conseguir fazer com que todos(as) os(as) integrantes, no decorrer da partida, atravessem a quadra até a área neutra vencerá, independentemente da pontuação. Caso contrário, vencerá a equipe que mais pontuar com os arremessos. Uma importante observação é o professor(a) ressaltar que para interceptar o(a) oponente basta tocar nas costas, portanto não é permitido empurrar, sendo essa ação considerada uma falta.

1ª Sugestão: pode ser adotada a alternativa de colocar uma fita presa à cintura, não havendo nesse caso a necessidade de tocar no(a) colega. Cada pessoa deve ter um/uma marcador(a) previamente definido(a), de modo que só ele(a) pode ter a fita arrancada se estiver na posse da bola.

2ª Sugestão: se a escola não tiver bola de futebol americano, recomendamos sua aquisição, pois ao cair no chão ela torna-se uma diversão à parte por quicar desordenadamente.

3ª Sugestão: a atividade pode adquirir regras adicionais como limitar o número de lançamentos para a frente.



Futebol americano adaptado



Futebol americano adaptado

7.2 "Rugby escolar"²²

O objetivo desse jogo é promover a equidade oportunizando a participação efetiva de todos(as).

Materiais: bola de rugby ou de futebol americano.

Desenvolvimento:

A proposta "Rugby escolar" visa ao trabalho em equipe e à participação efetiva de todos(as), igualando as oportunidades de atuação entre meninas e meninos na respectiva modalidade, aqui sugerida para ser desenvolvida na versão mista. No intuito de evitar que os meninos atuem predominantemente como "protagonistas" e as meninas como "figurantes", a sugestão é que o(a) professor(a), primeiramente apresente algum vídeo sobre a modalidade para que os(as) estudantes possam compreendê-la com mais facilidade. Na adaptação prática o docente pode estipular periodicamente qual gênero deve atravessar a quadra visando obter pontuação.

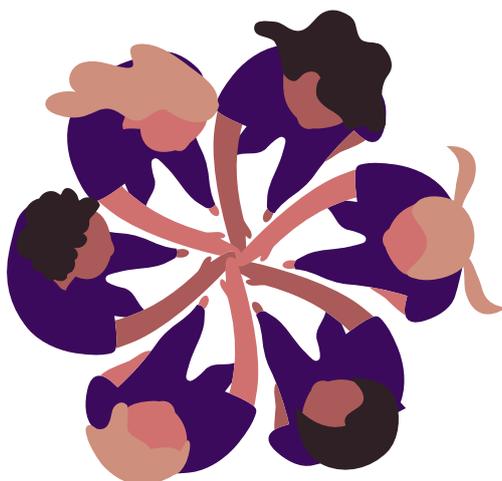
A modalidade adaptada é desenvolvida com a formação de duas equipes compostas de no máximo sete participantes, dependendo do tamanho da quadra. Com a posse de bola, os(as) integrantes da equipe devem correr em direção à quadra oponente, sendo que para realizar o passe de bola para o(a) companheiro(a) de equipe não é permitido a quem estiver com a bola lançá-la para a frente; o passe é concedido ao(a) colega que estiver ao lado ou atrás. O objetivo é fazer com que a bola chegue até a área do(a) goleiro(a) da equipe oponente, vencendo a equipe que conseguir realizar essa façanha o maior número de vezes.

²² Autora da adaptação: Dandara – professora participante da pesquisa de dissertação de mestrado ProEF (complementações de Iris Batista da Luz Rosa).

Para tentar impedir que uma equipe atravessasse para a área de gol, o(a) professor(a) pode colocar duas fitas, sendo uma de cada lado, inseridas nas laterais da cintura dos(as) participantes e, para interceptar o(a) oponente, basta retirar uma das fitas, pois ao retirá-la o(a) jogador ganha a posse de bola, e aquele(a) que perdeu a fita não poderá de imediato retirar a fita do(a) oponente.

Nessa proposta, é interessante ressaltar a importância de todos(as) tentarem atravessar a quadra adversária em algum momento da partida, pois juntos, se assim conseguirem, podem ter a pontuação da jogada dobrada. A expectativa é de que trabalhem em prol da igualdade de oportunidades.

Sugestão: consultar a matéria²³ e o artigo²⁴ indicados sobre rugby escolar para que o(a) professor(a), preferencialmente com seus/suas estudantes, possa criar as próprias regras.



23 BATISTA, Rafael. Rúgbi. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/rugbi.htm>. Acesso em: 2 abr. 2020.

24 VAZ, Luís Miguel Teixeira. Ensino do rugby no meio escolar. Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 81, fev. 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd81/rugby.htm>. Acesso em: 23 abr. 2020

8 PROJETOS COLETIVOS E INTEGRADORES DA QUESTÃO DE GÊNERO

Os projetos podem ser desenvolvidos na escola preferencialmente com a colaboração de outras disciplinas, pois a interdisciplinaridade enriquece os trabalhos agregando mais valor às práticas da cultura corporal de movimento. As sugestões a seguir visam integrar pequenos jogos, esportes adaptados, atividades de sensibilização e compartilhamento dos resultados obtidos com a comunidade escolar.

8.1 “Revista virtual: questionando as desigualdades de gênero nos esportes” 25

O objetivo dessa proposta é desenvolver uma revista esportiva virtual com ênfase no tema gênero.

Material: celular pessoal.

Desenvolvimento:

O Projeto “Revista virtual: questionando as desigualdades de gênero nos esportes” consiste na produção de uma revista a ser implementada nas escolas em um processo participativo, cujo objetivo é desnaturalizar as desigualdades de gênero no âmbito esportivo, com ênfase na falta de visibilidade predominante na mídia sobre o desenvolvimento das modalidades esportivas femininas.

A revista virtual pode ser elaborada recorrendo-se a recursos midiáticos, como aplicativos, sites, blogs, redes sociais, entre outras alternativas, em que os(as) estudantes possam ser os(as) protagonistas, sendo possível incluir vídeos e fotografias.

25 Autora: Dandara – participante da pesquisa de dissertação de mestrado ProEF (complementada por Iris Batista da Luz Rosa, com a sugestão da versão virtual e a interdisciplinaridade).

A atividade deve ser implementada preferencialmente após iniciativas voltadas à sensibilização dos(as) estudantes, e a interdisciplinaridade agregará valor aos debates pertinentes a gênero. Levando em consideração essa possibilidade, o(a) professor(a) de Educação Física pode estabelecer parcerias com os(as) docentes que demonstrarem interesse em intervir no impacto das desigualdades de gênero presentes na sociedade de acordo com as potencialidades de discussões das respectivas disciplinas. Os(as) professores(as) podem ainda abordar os aspectos históricos, sociais, culturais e econômicos que dificultam, por exemplo, a inserção das mulheres no mercado de trabalho e as diferenças salariais entre homens e mulheres que exercem as mesmas profissões. Os dados levantados e os debates podem ser apresentados na revista virtual com as contribuições da Educação Física.

Os(as) professores(as) de Educação Física podem também explorar temas como o preconceito em relação às mulheres praticantes de modalidades esportivas como futebol e lutas, caracterizadas socialmente como “masculinas”, e abordar assuntos referentes à falta de apoio às atletas profissionais e amadoras. É importante enfatizar que mesmo diante das problemáticas as mulheres têm conquistado títulos significativos no contexto esportivo.

A revista virtual também se apresenta como um instrumento de divulgação de torneios esportivos escolares e do cronograma de utilização dos espaços destinados às práticas esportivas no horário do recreio, servindo como instrumento complementar na democratização esportiva.

8.2 “A arte de gênero na escola”²⁶

O objetivo dessa atividade é desenvolver um projeto interdisciplinar voltado às questões de gênero.

Material: celular pessoal.

Desenvolvimento:

O Projeto “A arte de gênero na escola” consiste em uma intervenção pedagógica que visa desenvolver reflexões em relação às desigualdades de gênero, com ênfase no contexto feminino. A proposta envolve esportes, poesia, música, dança e/ou teatro e recursos tecnológicos.

O percurso metodológico compreende três etapas. Na organização dos trabalhos, cada turma pode ser dividida por sorteio em dois grupos, com um número aproximado de estudantes, sendo que todos(as) devem contribuir nas três etapas do projeto. A primeira etapa destina-se às discussões sobre o tema gênero, possível de ser ampliada por meio da interdisciplinaridade e da coeducação, de acordo com o planejamento, trocas de experiências e informações.

A segunda etapa consiste na elaboração de poesias ou paródias, que posteriormente podem ser convertidas em letras de músicas com o suporte de aplicativos de melodias, como o Launchpad (música eletrônica) e o Super Pads (música pop). Do mesmo modo, os(as) estudantes que dominam instrumentos musicais também podem ser incentivados(as) a utilizar esse material como recurso para desenvolver as músicas.

A terceira etapa deve ser reservada para as gravações dos vídeos das músicas elaboradas. Os(as) professores(as) têm aqui a possibilidade de sugerir encenações que envolvam teatro e/ou dança, cuja expectativa é de que sejam apresentados, a princípio, aos demais colegas da turma, com perspectiva de serem expandidas a outras circunstâncias relacionadas à comunidade escolar. Os(as) participantes podem ser avaliados(as) da forma mais conveniente ao(à) professor(a), mas sugerimos que haja um trabalho conjunto com contribuições dos(as) estudantes, de modo que cada grupo avalie seus/suas integrantes e repasse os resultados aos(às) professores(as), que terão mais elementos para mensurar as contribuições de cada participante. Posteriormente, é possível especular a possibilidade de avaliação conjunta, na qual cada professor(a) lança uma nota e o(a) estudante obtém a média. Os(as) integrantes do projeto também podem ser avaliados(as) por meio do resultado final da proposta, que seria bastante interessante se culminasse com uma premiação e a exibição dos melhores ou de todos os vídeos na abertura ou nos intervalos dos “Jogos Interclasses”, ou em outras ocasiões esportivas que privilegiem as modalidades em formatos alternativos e que promovam a equidade de gênero.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Helena. Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física. 1998. 111p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/FAEC-85ZJEJ>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ALTMANN, Helena. Atividades físicas e esportivas e mulheres no Brasil. Brasília, DF: PNUD, 2017. (Movimento é vida: atividades físicas e esportivas para todas as pessoas. Relatório de Desenvolvimento Humano do Brasil 2017). Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Fi%CC%81sicas-e-Esportivas-e-Ge%CC%82nero.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2019.

ALTMANN, Helena; JACÓ, Juliana Fagundes. Significados e expectativas de gênero: olhares sobre a participação nas aulas de educação física. Educação em Foco, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 1-26, jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/19899>. Acesso em: 20 abr. 2020. <https://doi.org/10.22195/2447-524620172219899>.

ALTMANN, Helena; SOUSA, Estáquia Salvadora. Meninos e meninas: expectativas corporais e implicações na Educação Física Escolar. Cadernos CEDES, Campinas, ano XIX, n. 48, p. 52-68, ago. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v19n48/v1948a04.pdf>. Acesso em: 1 set. 2019.

ATEM, Ricardo Gregório; PELEGRINI, Thiago. Gênero e esporte nas aulas de educação física no ensino médio. Cadernos PDE, Curitiba, v. 1, p. 1-27, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_uel_ricardogregorioatem.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

ATEM, Ricardo Gregório; PELEGRINI, Thiago. O gênero nas aulas de Educação Física. Cadernos PDE, Curitiba, v. 2, p. 1-46, 2016. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_pdp_edfis_uel_ricardogregorioatem.pdf. Acesso em: 31 mar. 2020.

BATISTA, Rafael. Rúgbi. Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/rugbi.htm>. Acesso em: 2 abr. 2020.

BETTI, Mauro; ZULIANE, Luiz Roberto. Educação Física Escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, São Paulo, n. 1, p. 73-81, 2002. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363>. Acesso em: 7 jan. 2020.

BLOG DA MARIA FRÔ. Igualdade, equidade isonomia desenhadas para a nossa alegria! 2012. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/blogs/mariafro/bmariafro-igualdade-isonomia-desenhadas-para-a-nossa-alegria/>. Acesso em: 22 jul. 2020.

BOTELHO GOMES, Paula; SILVA, Paula; QUEIRÓS, Paula. Equidade na Educação: Educação Física e Desporto na Escola./ Equity on Education: Physical Education and Sport at School. Lisboa: Associação Portuguesa a Mulher e o Desporto, 2000.

CBB — Confederação Brasileira de Basketball. Regras oficiais da FIBA. 2019. Disponível em: <http://www.cbb.com.br/comum/code/MostrarArquivo.php?C=MjQ2MQ%2C%2C>. Acesso em: 30 mar. 2020.

CHAN-VIANNA, Alexandre Jackson; MOURA, Diego Luz; MOURÃO, Ludmila. Educação física, gênero e escola: uma análise da produção acadêmica. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 149-166, 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/9492/8925> Acesso em: 11 set. 2019. <https://doi.org/10.22456/1982-8918.9492>.

DIA A DIA EDUCAÇÃO. Minivoleibol. Secretaria da Educação do Paraná. 2011. Disponível em: <http://educacaofisica.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=274>. Acesso em: 13 abr. 2020.

DINÂMINAS. Futebol em dupla. 2016. Disponível em: <https://www.rhportal.com.br/dinamicas-de-grupo/futebol-em-dupla/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

DORNELLES, Priscila Gomes; FRAGA, Alex Branco. Aula mista versus aula separada? Uma questão de gênero recorrente na Educação Física Escolar. Revista Brasileira de Docência, Ensino e Pesquisa em Educação Física, Cristalina, v. 1, n. 1, p. 141-156, ago. 2009. Disponível em: http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/EDUCA CAO_FISICA/artigos/Aula-mista-versus-aula-separada-na-Ed-F-escolar.pdf. Acesso em: 2 nov. 2019.

ESPN Brasil. Invisible players: o quanto você sabe sobre esporte. 2016. (2min). Disponível em: <https://www.google.com/search?q=invisible+players&oq=invisible+players&aqs=chrome..69i57j0l7.18431j0j4&sourceid=chrome&ie=UTF-8>. Acesso em: 5 fev. 2020

GALATTI, Larissa Rafaela; FERREIRA, Henrique Barcelos; SILVA, Ylane Pinheiro Gonçalves da; PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: procedimentos pedagógicos aplicados aos jogos esportivos coletivos. *Conexões, Campinas*, n. 6, p. 397-408, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/conex.v6i0.8637843>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GALATTI, Larissa Rafaela; PAES, Rodrigo Roberto; DARIDO, Suraya Cristina. Pedagogia do esporte: livro didático aplicado aos jogos esportivos coletivos. *Motriz – Revista de Educação Física, Rio Claro*, v. 16, n. 3, p. 751-761, abr. 2010. Disponível em: <http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/3238>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GAZETA ESPORTIVA. Diferença do basquete tradicional e basquete 3x3. *Gazeta Esportiva, São Paulo*, 2017. 4min11. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iSuvDfSEUv8>. Acesso em: 30 mar. 2020.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo*, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/16590/18303>. Acesso em: 30 mar. 2020.

MARTINS, Mariana Zuaneti; SOUZA JÚNIOR, Osmar Moreira de; BELMONTE, Maurício Mendes. Quando as meninas tomam a rua: as relações de gênero no futebol callejero. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 19., 2015; CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 6., 2015, Vitória. Anais [...]. Vitória: CONBRACE; CONICE, 2015, p. 1-15. Disponível em: <http://congressos.cbce.org.br/index.php/conbrace2015/6conice/paper/view/7756/3393>. Acesso em: 31 mar. 2020.

PAES, Roberto Rodrigues. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte, São Paulo*, v. 20, supl. n. 5, p. 171, set. 2006. (XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa). Disponível em: http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/48_Anais_p171.pdf. Acesso em: 29 mar. 2020.

PORTAL DO PROFESSOR. CAMPOS, Túlio. Diferentes formas de brincar o futebol. 2009. Minas Gerais. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=15943>. Acesso em: 31 mar. 2020.

SALÁRIO. Atleta do basquete – Salário 2020 e Mercado de Trabalho. 2020. Disponível em: <https://www.salario.com.br/profissao/atleta-do-basquete-cbo-377105/>. Acesso em: 3 jul. 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 2 n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 22 abr. 2020.

SOUZA, Camilo Araújo Máximo de. Handebol: jogo dos passes nas aulas de Educação Física do CAP/UFRJ. Rio de Janeiro: Portal do Professor, 2009. Disponível em: <http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=7147>. Acesso em: 23 mar. 2020.

TEIXEIRA, Beatriz Bastos. Por uma escola democrática: colegiado, currículo e comunidade. 2000. p. 334. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação Física Escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, Campinas, v. 38, n. 2, p. 163-170, 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v38n2/0101-3289-rbce-38-02-0163.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2019.

VAZ, Luís Miguel Teixeira. Ensino do rugby no meio escolar. Revista Digital, Buenos Aires, ano 10, n. 81, fev. 2005. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd81/rugby.htm>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Professores(as) são como gotas que escolhem os rumos e os sentidos da navegação do oceano escolar. Nesse navegar, generosamente alguns/algumas docentes combatem com pequenas gotas o mar de problemáticas da Educação Física. Muitas gotas no oceano surgiram nos relatos dos(as) professores(as) participantes de pesquisa sobre gênero e esportes e ajudaram a iluminar um caminho de possibilidades de intervenções para a democratização das práticas corporais.

Evidenciamos que as possíveis formações continuadas podem promover sensibilizações para que os(as) docentes desenvolvam um olhar mais apurado para perceber as desigualdades de gênero, com uma atitude de alteridade em suas práticas e na educação dos(as) jovens estudantes. Vale acreditar que cada gota de empatia que acrescentarmos ao oceano das desigualdades transcenderá a ignorância e confabulará a favor da perseverança em prol da igualdade.